

LÓGICA E TEORIA DA LINGUAGEM DE CONDILLAC

Mariluze Ferreira de Andrade e Silva
Universidade Federal de São João del-Rei -UFSJ
Departamento das Filosofias e Métodos

Resumo: A Lógica de Condillac está dividida em duas partes: na primeira ele se ocupa de mostrar que a análise é um método natural porque é a natureza que procura as analogias, semelhanças e diferenças entre as coisas e por esse método são explicadas as origens e as gerações das idéias e das faculdades da alma. A segunda parte, considera a análise em si mesma e os seus efeitos em relação à linguagem, demonstrando que a "arte de raciocinar" se reduz a uma "linguagem bem feita". Desse modo a Lógica de Condillac se concilia com uma teoria da linguagem porque ela faz, ao mesmo tempo, uma análise lógica da origem da língua e também uma análise das vias do conhecimento mostrando que a língua é gerada a partir do conhecimento sensível, mas a linguagem, que tem função de comunicar, só se realiza a partir do conhecimento racional. Esta é a razão pela qual ele defende a "arte de raciocinar" como um instrumento capaz de criar uma "língua bem feita" para cada ciência.

Palavras-chave: Lógica da linguagem, Teoria da linguagem, Método analítico.

Abstract: The Logic of Condillac is divided in two parts: in the first he is in charge of showing that the analysis is a natural method because it is the nature that seeks the analogies, likeness and differences among the things and for that method the origins and the generations of the ideas are explained and of the universities of the soul. The second leave, it considers the analysis in herself and your effects in relation to the language, demonstrating that the art of ratiocinating " if it reduces her/it well a " language done ". in that way the Logic of Condillac reconciles with a theory of the language because she does, at the same time, a logical analysis of the origin of the language and also an analysis of the roads of the knowledge showing that the language is generated starting from the sensitive knowledge, but the language, that has function of communicating, only takes place starting from the rational knowledge. This is the reason for the he defends the art of ratiocinating " as an instrument capable to create a " language well done " for each science.

Key word: Logic of the language, Theory of the language, analytic Method.

1. Introdução

Condillac, Etiënne Bonnot de, (1715-1780) foi um colaborador decisivo para o desenvolvimento da teoria empirista do conhecimento. Vivendo o espírito do iluminismo francês, Condillac procurou conciliar o empirismo com o racionalismo entendendo o racionalismo como uma "força" que tem origem na experiência sensível e se desenvolve junto com ela. Assim, Condillac entendia que a aceitação do racionalismo não excluía a do empirismo, sendo mesmo necessário entender-se a

interdependência entre as duas vias do conhecimento.

Apesar de Condillac ter escrito várias obras, este assunto foi tratado na sua *Lógica* publicada em 1780 e é dela que nos ocuparemos. A nossa referência, para este comentário, será a tradução francesa de 1980 feita pela Abril Cultural.

Segundo Condillac são os nossos desejos e as nossas necessidades que nos motivam buscar o conheci-

mento e os meios para satisfazê-los os quais surgem de acordo com as necessidades dos nossos órgãos e suas relações com as coisas. Por exemplo: de todos os produtos do solo só servem para nos alimentar aqueles que estão em conformidade com a nossa natureza humana. e quem nos ensina isso é a experiência e o uso das coisas necessárias à sobrevivência do nosso organismo. Assim, a natureza ensina que, se há no sujeito necessidades e desejos, há fora dele objetos destinados a satisfazê-lo e nele, a faculdade para conhece-los e usá-los. Segundo Condillac, portanto, a relação entre as necessidades do sujeito e a satisfação das necessidades depende dos objetos que o sujeito escolhe. O sujeito se lança à procura do conhecimento das coisas à medida que precisa delas para o seu uso, porque ele só se interessa em conhecer aquilo que é da sua necessidade e utilidade.

Para Condillac, existe, portanto, uma relação de ordem do conhecimento das coisas entre a necessidade e o uso à medida que existe uma relação lógica entre as necessidades e a busca dos meios para satisfazê-las e esta relação é inata no homem. O conhecimento surge por uma necessidade de conhecer o objeto que lhe satisfaz. Assim, os órgãos, as sensações que o sujeito experimenta, os juízos e a experiência constituem um sistema para a conservação do sujeito e é este sistema que se deve estudar para aprender a raciocinar. Isto é, o homem deve procurar conhecer a sua natureza e buscar o conhecimento que garante a sua preservação.

Segundo Condillac, não há necessi-

dade de se conhecer a essência das coisas, mas as relações que as coisas têm com o sujeito e o critério para julgar as relações sujeito-objeto é, neste caso, observar as sensações que os objetos causam no sujeito. Observar relações, confirmar juízos por novas observações ou corrigi-los é a isto que Condillac chama "arte de raciocinar" (op. cit. p.100-101) e é a natureza quem ensina esta arte.

Segundo Condillac, o sujeito tem o mau hábito de imaginar as coisas ao invés de observá-las, e por causa disso cria suposições falsas dando origem a uma infinidade de erros porque se habitua a raciocinar somente através das suposições. Este mau hábito, para Condillac, deve ser corrigido porque leva a cair nos seguintes erros: idéias falsas, contradições, valorização mais do erro do que da verdade, busca de soluções dos problemas nas superstições, preconceitos, desordens no raciocínio, criação de seitas com caráter dominador, gosto pelas questões polêmicas frívolas, pouco interesse pela observação, crença nos sonhos como capazes de interpretar a natureza. Há, portanto, uma seqüência de erros que se fortificam e se justificam mutuamente. Para Condillac seria preciso, portanto, mudar os hábitos do espírito humano porque eles são conservados pelas paixões cegas.

2 A importância de pensar segundo um método

Todos os erros relacionados por Condillac, no entanto, têm como origem comum o hábito de "nos servirmos de palavras antes de determinar seu significado e ter sentido a necessidade de determiná-lo" (op.cit.,

p.102). Diz Condillac que não temos o hábito de observar e não achamos necessário observar. Acreditamos que o aprendizado seja eficaz aprendendo tão-somente através do método "palavras-palavras" que em outras palavras significa dizer através da "metalinguagem". Assim, segundo Condillac, aprendemos duas vezes porque na infância aprendemos o que os outros nos ensinam e quando crescemos continuamos pensando segundo o pensamento dos outros, embora acreditemos o contrário (p.103). Assim, continuamos nos enganando pensando que estamos fazendo progressos, mas na verdade estamos acumulando erros de geração em geração. Para recolocar ordem na faculdade de pensar devemos "esquecer tudo o que aprendemos e retomar nossas idéias em sua origem, seguir a geração e refazer o entendimento humano" (op.cit., p.103).

Segundo Condillac, uma criança é analista e observadora por natureza, mas perde esta capacidade à medida que são conduzidas pelo adulto porque ele passa os seus erros e pensamentos para ela. Algumas conseguem vencer os obstáculos que os adultos colocam ao desenvolvimento de seus talentos, mas, outras "são plantas que mutiladas até a raiz morrem estéreis" (op.cet, p.103).

3 A linguagem de ação e a língua.

Vimos, assim, que segundo Condillac os erros estão no hábito de julgar usando palavras sem sentido determinado. Vimos também que as palavras não são descobertas, necessariamente, para formar idéias de todas

as coisas. A seguir, veremos um outro ponto importante em Condillac que é a questão das idéias abstratas e gerais entendidas como apenas denominações.

Segundo Condillac, só podemos pensar com a ajuda das palavras e isto é suficiente para compreender que a "arte de raciocinar" começa com a língua, por isso é importante observá-la. Convém, também, observar a linguagem de ação segundo a qual as línguas foram feitas.

Para Condillac, os elementos da linguagem de ação são inatos. Eles nasceram com o homem. Esses elementos são os órgãos que fazem parte da nossa natureza. Assim, há uma linguagem inata e carente de signos para analisar nossos pensamentos e sem os quais seria impossível darmos conta do que pensamos.

Sendo assim, no primeiro instante, a linguagem é confusa porque ela além de repetir os sentimentos é efeito deles. Devemos criar, portanto, segundo Condillac, o hábito de diferenciar as confusões na linguagem. Por exemplo: um músico distingue na harmonia todas as notas, enquanto os não músicos ouvem todas as notas ao mesmo tempo, sem distingui-las. Assim ocorre com o homem. Ele começa a exprimir a linguagem de ação à medida que tem sensações e a exprime sem ter o objetivo de comunicar seus sentimentos. A linguagem de ação é uma linguagem confusa porque o homem não aprendeu a fazer a análise de seus sentimentos. Ele ainda não sabe organizar seus sentimentos. Como existe a necessidade da comunicação, surge,

então, a necessidade de compreensão de si mesmo. Assim sendo, cada um perceberá que só compreenderá melhor as artes quando demonstrar suas ações e para se comunicar terá que decompor as suas sensações repetindo os movimentos um após o outro, enquanto a natureza o obriga a fazer de uma só vez. É assim que a linguagem de ação transforma-se em um método analítico. Condillac chama "método" porque há sucessão de movimentos com regras. Há, portanto, uma língua inata (não idéia inata) e uma linguagem inata que não aprendemos porque é efeito natural e imediato de nossa compreensão. Ela, apenas, exprime o que sentimos; não é método analítico; não decompõe nossas sensações, não fornece idéias.

A linguagem se torna um método analítico, segundo Condillac, quando ela decompõe as sensações e fornece idéias e, como método, se aprende. Por isso não é inata. Se é a análise que fornece as idéias, então elas são adquiridas uma vez que a própria análise se aprende. Não há, portanto, idéias inatas. As línguas são, segundo Condillac, métodos analíticos do mesmo modo que as linguagens de ação. E sem a linguagem de ação os homens não poderiam analisar os seus sentimentos. A análise não se faz e não se pode fazer, senão, com

o uso dos signos e da linguagem articulada e se não fosse feita com os signos da linguagem de ação também não seria com os sons articulados de nossa língua. Uma palavra não seria um signo de uma idéia se essa idéia não pudesse ser exibida na linguagem de ação.

Conclusão

As línguas nos conduzem a erros porque são construídas a partir de métodos imperfeitos. Segundo Condillac, durante muitos anos o homem vem se esforçando para descobrir as regras da "arte de raciocinar", buscou-se a resposta no mecanismo do discurso quando na verdade para encontrar a "arte de raciocinar" e a "linguagem bem feita" bastaria "observar nossa maneira de conceber e estudá-las nas faculdades que nossa natureza nos dotou" (p.109). Bastaria observar que as línguas não são senão métodos analíticos. Muitos métodos defeituosos que já foram considerados exatos e como as línguas permaneceram arbitrarias aos gramáticos e aos filósofos, acreditaram-se que elas só tinham regras para o uso. Ora, não é de se admirar que todo método possua regras, por isso não é de se admirar, também, que ninguém duvide que as línguas são métodos analíticos.

Referências Bibliográficas

CONDILLAC, E.B. *Lógica y extracto razonado del tratado de las sensaciones*. Argentina: Aguilar, 1982.

_____. *Lógica ou os primeiros desenvolvimentos da arte de pensar*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.